

GAZETA d'Orey

nº 5



HOMENAGEM

Há 20 anos reunimos 1160 d'Oreys na Estufa Fria. Já agora porque não homenagear os Fundadores desta "tribo"? No dia de Reis (6/1/06) pelas 16h30 iremos pôr umas flores do Jazigo nº1790 do Cemitério dos Prazeres em Lisboa, onde estão Luiza e Guilherme de Albuquerque d'Orey. Depois, pertinho, ir à missa em Sto Condestável, às 18 horas (parque de estacionamento debaixo da Igreja). Para quem possa e queira confraternizar um pouco, tomaremos um chá ou um café com Bolo Rei, no Canas ali perto. Para os que preferirem, ou não possam ir nesse mesmo dia, a essa mesma hora, homenagear os fundadores da nossa querida FAMÍLIA d'Orey, poderão deixar algumas flores no Jazigo antes ou depois da data.

ÍNDICE

Recordando o Natal com os meus Avós
Por Maria Teresa d'Orey Soares Franco (pág.2)

Minha querida Avó Mariana
Por Cásinha (pág.2)

Um lindo sítio...
Por Barracão (pág.2)

O meu Avô Luiz
Por Maria Teresa Sacadura Botte (pág.3)

Queridos Primos
Por Pedro Maria Vasconcelos Arruda d'Orey (pág.4)

Casamentos e Baptizados (pág.5)

Ácerca do Tio Luiz
Por Guilherme de Albuquerque d'Orey (pág.5)

Em honra de...
Por Tim - Tim Júnior (pág.5)

Deixou-nos...
Por Rodrigo Cardoso d'Orey (pág.5)

Festas de 80 anos (pág.6)

Bodas de Ouro
Por Ana Maria Reynolds de Souza Quintella (pág.6)



Cerâmica de Tiago d'Orey Slewinski (verde)

**Um
Santo
e
Feliz
Natal
para
todos
os
d'Oreys**

NOTAS DA REDACÇÃO

- A GAZETA d'Orey fez 1 ano! Parabéns a todos os d'Oreys!
- A próxima Gazeta d'Orey vai-se concentrar no ramo Castanho (Waldemar).
- Saco Azul - Todas as ajudas foram muito úteis, as quais agradecemos.
- "FOLLOW" Jimmy!



O Jaime d'Orey Cunha Santiago Pinto (13 anos) (amarelo) tem estado a actualizar a Árvore Genealógica da Fundação Maria Manuela e Vasco d'Orey (www.dorey.com) com os elementos da sua própria família e não só!... A Fundação e a Gazeta d'Orey agradecem esta colaboração ESTUPENDAÇA! Entretanto no mesmo "site" já podem ver as fotografias de todos os elementos da 1ª geração, assim como as dos conjuges, datas de nascimento, casamento, etc. Também começamos a incluir neste "site" fotografias de d'Oreys: Ora vejam a Blu, a Lélinha, o Pedro Gaivão, o Xico d'Orey, o Zé Luís d'Orey, a João Belmonte, a Canita, a Mafalda d'Orey, etc. etc. Vamos continuar. Se nos enviarem fotografias, facilita-nos muito!

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.



RECORDANDO O NATAL COM OS MEUS AVÓS

por M.Teresa d'Orey Soares Franco (Tareca)(laranja/amarelo)

Os meus pais (Lula e Nuno) começavam por fazer a Advents Kranz no primeiro Domingo do Advento. Era uma coroa grande feita de teixo debruada com uma fita encarnada. Quatro fitas suspendiam-na num suporte, com quatro pinças de cristal, cada uma com uma vela vermelha que simbolizava cada Domingo do Advento. Depois do jantar no primeiro Domingo do Advento acendia-se a primeira vela e cantavam-se as canções de Natal com as Frauleins. No segundo acendiam-se duas e assim sucessivamente até ao último. As canções eram Tannenbaum, Her Kinderlein Komem e Stille Nacht. No quarto Domingo, cada uma de nós, escrevia uma carta ao Menino Jesus e punhamos ao pé da coroa, com os pedidos de brinquedos que queríamos. No dia seguinte, íamos ver e com alegria verificávamos que já lá não estavam.... Enquanto pequena, eu pelo menos até aos 8 anos acreditava que era mesmo o Menino Jesus que nos trazia os presentes. Ficávamos depois numa excitação para ver o que recebíamos.

Chegado o dia 24, as Frauleins arranjavam-nos com as melhores toilettes e íamos à Árvore de Natal a casa dos avós Elvira e Ruy. Com todos os primos e tios e começava a Árvore antes do jantar. Já estava efeitada e de velas acesas numa sala que era o quarto de brincar das filhas do tio Ruy (Maria Luiza e Pázinha) que era no último andar da Rua do Sacramento. A avó Elvira tinha um papel muito apagado mas participava da mesma maneira. Ela não falava alemão. As crianças não viam nada antes. Tocava a campainha abriam-se as portas e entrávamos todos, com as Frauleins fazíamos a roda e cantávamos as canções de Natal em alemão. Estávamos lá pouco tempo. Íamos jantar a casa, indo depois para o Barracão, em Sto Amaro Oeiras, para casa dos avós Mariana e Luís. Tudo era idêntico, com uma pequena diferença, pois cantávamos o Adeste junto ao Presépio antes de abrir a porta da sala encarnada. Quando se abriam as portas era uma maravilha; aí ficávamos

MINHA QUERIDA AVÓ MARIANA

por Cásinha

Vimo-nos pela última vez há 61 anos!
Tudo foi há tanto tempo e parece ter sido agora! Eu com 10 anos, fui despedir-me da Avó, pois ia de férias com as minhas amigas Aranha! Cheguei ao pé de si (que já estava tão doente) deitei-lhe os braços ao pescoço e a Avó apertou-me com força contra si, parecendo não querer largar-me. Só bem mais tarde entendi que teve a convicção de que nunca mais nos veríamos! Lembrei-me então com enorme tristeza de que nunca mais iria ouvir baixinho:

-"Quem é a menina da Avó?"

E eu no mesmo tom dizia :

_" Sou eu ".

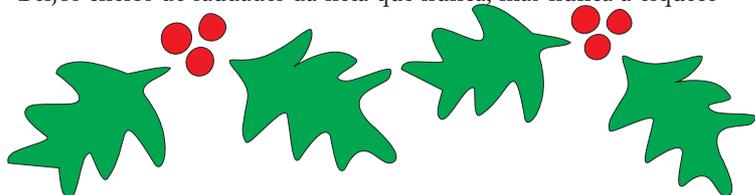
-"Quem é que adora a Avó?"

- "Sou eu "...

Avó querida, aquilo que nos unia tão fortemente neste Mundo, continuará para sempre em nós duas.

Gostaria de deixar aos meus netos a mesma "marca" que a Avó deixou em mim! Conto consigo para me ajudar.

Beijos cheios de saudades da neta que nunca, mas nunca a esquece



radiantes. Depois de cantarmos distribuíam-se os presentes e ficávamos a brincar até à missa da meia-noite a que nós só íamos já depois de crescidas. Depois da missa cada um ia para as suas casas. Não tínhamos carro, transportávamo-nos no taxi do Sr. Carlos, que vivia defronte a nós na Rua de S. Domingos à Lapa. O avô Luíz no dia 24 comovia-se muito com a alegria dos netos e com os filhos. A avó Mariana delegava na tia Manon a compra dos presentes e os enfeites da árvore eram feitos por todos eles adultos. A avó Mariana não falava alemão mas os filhos tiveram Frauleins alemãs.

No dia de Natal, dia 25, não tenho recordações, não me lembro o que se fazia, devíamos ficar por casa, ou eventualmente jantar a casa de algum dos avós. Para nós o Natal era 24 e a missa do galo! O primeiro missal que eu tive foi-me dado pelos avós Mariana e Luís num dos últimos Natais do avô Luís. Já era crescida e estreei-o na missa da meia-noite, e senti-me muito importante. Foi um presente que nunca esqueci! O avô morreu no dia 28 de Dezembro e ainda assistiu à Árvore de Natal de 1936, já muito doente. Iamos a pé pela rua até à Igreja Paroquial, que ainda hoje é a mesma. Não havia da parte de qualquer dos avós preferências de netos. Eramos todos tratados e acarinhados da mesma maneira.

Esta tradição seguimo-la nós: Luzinha, Marichen, Duarte e eu própria ainda nunca a quebrei, nem os meus filhos. Já são agora os meus bisnetos que ficam de boca aberta maravilhados "quando se abre a porta da Árvore"...

A avó d'Orey, Luiza Henriqueta Longuinha, no ano em que morreu o marido fez, na mesma, a Árvore de Natal, imagina-se com que tristeza, mas manteve a tradição alemã e procurou passá-la a todos os filhos. Nunca a conheci...morreu ainda a minha mãe (Lula) era solteira.

Gostaria muito que nunca se quebrassem a única tradição alemã que se mantém desde a fundação da nossa família.

Santo Natal para todos !

UM LINDO SÍTIO...

por Barracão (laranja)



Num sítio lindo em frente ao mar NASCI. A minhas paredes davam abrigo aos barcos que os homens arrastavam penosamente rampa acima. Mas eu era ambicioso! Sentia que me faltava ALMA! Aguardava... Posso começar a minha

história como muitas outras...Um dia uma família veio e deu-me tudo o que eu ambicionava. Deu-me VIDA! Através dela vivi a GENEROSIDADE na partilha...a CARIDADE no acolhimento... a AMIZADE na aceitação de cada um...a união apesar das diferenças... vivi e aprendi a dar sentido à paz depois das tempestades...a ALEGRIA CRISTÃ no PERDÃO... em suma descobri a VIDA em toda a sua PLENITUDE. Fizeram-me crescer à medida a que eles cresciam também. Partilhavam comigo e eu com eles todas as suas alegrias e tristezas. Vi nascer muitos e morrer alguns. Tudo isto me identificava mais com eles. Eu e eles criamos uma ALMA que nada nem a morte pode destruir.

O que juntos construímos permanecerá no coração de TODOS, e como recordar é viver, continuo bem vivo, tenho hoje a prova disso. Abraça-vos a todos com muito amor. O VOSSO BARRACÃO.



O MEU AVÔ LUIZ

por Maria Teresa Sacadura Botte (Tim-Tim)(laranja)

Eu devia ser a última pessoa a escrever sobre o meu avô Luís, pois fui a única da minha geração que não o conheceu. Mas é uma realidade ambígua pois ele esteve sempre presente no BARRACÃO, a casa onde nasci, cresci (não muito), casei, e até vivi, anos depois, com o meu marido e os meus filhos mais velhos. O Barracão, casa que ele construiu com tanto amor para que os seus filhos e netos ali nascessem, crescessem e até morressem. Deixou no seu testamento: “quanto ao Barracão, gozem-no enquanto possível e depois fiquem com as boas recordações”.

A família era na verdade a sua grande aposta tanto assim que à medida que os filhos iam casando ele fazia crescer a casa para albergar o novo casal e os filhos que iam nascendo. A nossa casa chamava-se Barracão porque na primitiva era um espaço onde no Inverno se guardavam os barcos de pesca.

O projecto “Barracão” foi feito pelo avô e pelo tio Frederico, para casa de férias, mas o avô acabou por ficar sózinho, tendo comprado a parte do irmão porque a mulher deste, tia Maria Perestrello, não gostou de lá viver, mas na entrada da casa, conservou-se sempre, em pedra preta de calçada à portuguesa, no portão principal, LAO-FAO (Luiz Albuquerque d'Orey-Frederico Albuquerque d'Orey) 1896. A casa tinha saída directa para a praia pois não havia marginal, Alguns anos depois a família passou a viver todo o ano no Barracão pois a todos entusiasmava aquela vida simples, descontraída, familiar e saudável. Que grande visão! Que grande espírito de simplicidade, o avô nunca ter querido mudar o nome da sua casa, que apesar de não ser um palácio, era uma grande casa, linda, rodeada dum agradabilíssima quinta, com uma vista espectacular, que fazia inveja a todos os que passavam na marginal. Para a construção desta via, o avô não regateou com o Duarte Pacheco a grande fatia que lhe foi tirada, achando que era mais importante a utilidade pública.

Fez um dos primeiros “courts” de ténis do país, onde em férias se reuniam os parentes e alguns amigos, todos os dias com lanches de limonada, com limões da quinta e grandes tabuleiros de pão com manteiga. Na praia de acesso directo, havia duas barracas, uma do Dr. Vascelos Porto e outra dos d'Oreys. Criou condições para que a gente nova ali se reunisse, fazia questão que a sua mesa estivesse sempre recheada de boas e fartas iguarias para receber tantos quanto aparecessem. Acho que foi um factor determinante para os casamentos dos filhos, pois quase todos se casaram com primos, com excepção do tio Kiko e da minha mãe (com menos 23 anos que o irmão mais velho). No pátio das cozinhas havia uma casa conhecida pela casa dos pobres, onde todos os dias se fazia uma boa sopa para quem necessitava e a enorme panela todos os dias se renovava. Quando o avô morreu o povo dizia : morreu o pai da pobreza.

Como quase todos os irmãos nasceu no Faial, depois vieram para Lisboa e estudou na Escola Alemã. Tinha um feitio muito austero e gostava de contar algumas histórias da sua infância que o devem ter influenciado na sua maneira de ser: em casa da sua mãe, só se comia carne e manteiga no pão 3 vezes por semana. Quando viviam na outra banda, ele e os irmãos iam e vinham de vapor para a escola e descalçavam-se à saída do barco, até à entrada da casa, para a mãe não dar conta, para pouparem as solas das botas.

Depois do liceu, já feito uma parte na Alemanha, foi tirar o curso de Engenheiro de Máquinas, também na Alemanha (conservo alguns dos livros por onde estudou, muito bem encadernados, com LAO na lombada). Acabou o curso já depois de casado e já com um filho.

Os netos tinham uma relação muito próxima com ele apesar do seu carácter reservado. Um dia passeando com a sua neta Luzinha (filha da Lula e Nuno) ela disse : avô, avô, olhe o caracol que feche-boi



(pôs os pauzinhos ao sol).

Proibia os netos de matarem melros, quando andavam aos pássaros com físgas. Sempre encontrei o avô (!) a passear pela quinta com os netos, e se no Inverno eram surpreendidos pela chuva, abria o seu capote alentejano para resguardar a netaria. No Verão, gostava de tomar limonadas frescas em canecas de litro, onde todos os netos bebericavam e dizia que para ele, só sobrava baba e cuspo. Penso que não era muito religioso, mas era muito sensível e espiritual e pedia que quando vissem um nenúfar lhe rezassem pela alma. Durante o sono falava muito em alemão o que irritava a avó Mariana que não percebia nada.

Era director dos caminhos-de-ferro portugueses e quando o Rei viajava de comboio ele ia sempre na máquina, ao lado do maquinista. Na última viagem que o Rei D. Carlos fez de Vila Viçosa para Lisboa, como de costume, no fim cumprimentou-o e agradeceu-lhe o zelo que tivera. O avô contava que tinha sido a última pessoa a quem o Rei tinha apertado a mão. Nessa mesma viagem, a dada altura, o avô viu um pedregulho na linha, denunciou de um atentado e disse ao maquinista que abrandasse e depois acelerasse para cuspir o obstáculo. O que aconteceu com um pequeno solavanco que a Rainha Dona Amélia sentiu, e mais tarde referiu isso ao avô. Durante a sua vida profissional, foram-lhe oferecidos vários presentes valiosos que ele sempre recusou, não se importando de ofender quem lho oferecia. A única coisa que aceitou foi uma salva de prata com uma locomotiva gravada que lhe foi oferecida por todos os seus colaboradores, quando se reformou, (ainda existe uma lista com todos os nomes dos ofertantes). Adorava viajar e talvez porque a avó tinha sempre filhos pequenos, ia muitas vezes com as filhas mais velhas (Lula e Azul). Quando rebentou a guerra 14-18 andava ele com as duas filhas a viajar, e veio a fugir com elas, à frente da guerra, tendo demorado cerca de um mês a chegar a casa, dadas as dificuldades dos transportes.

Os meus pais já namoravam há 3 anos e o meu avô não sabia. Toda a gente tinha medo de lhe dizer, até que um dia o meu pai resolveu ir falar ao futuro sogro (estava farto de ser fechado na casa de banho



quando ele chegava mais cedo). Pediu à avó Mariana para lhe dizer que iria no dia seguinte à Orey Antunes falar com ele. Parece que ele chegou mal disposto a casa nesse dia, e a avó não o avisou nem tiveram tempo de avisar o meu pai. No dia seguinte, lá foi o pobre rapaz falar com o Eng. d'Orey, sem que este soubesse quem ele era ou o que fazia na vida.

O Avô ouviu-o atentamente, sem o mandar sentar, e no fim disse-lhe que aguardasse notícias dele. O chapéu que o meu pai levava, com que entreteve as mãos atrás das costas, ficou feito num figo e o avô Luíz, sem dizer nada a ninguém, chamou um detective para colher informações do pretendente. Ao fim de 8 dias, chamou a minha mãe e disse-lhe que o namorado podia passar a jantar lá em casa sempre que quisesse. O meu pai teve sempre uma excelente relação com o sogro. Adorava móveis antigos e montou em casa uma oficina de marceneiro onde tinha artistas em permanência a restaurar tudo o que estava sempre a comprar. Todos os netos têm móveis que eram dele e até eu que sou a neta mais nova ainda durmo numa cama das muitas que ele comprava.

Monárquico de alma e coração nunca consentiu que em sua casa se içasse a bandeira da República. Quando havia festejos nacionais aparecia a bandeira da Fundação branca com a cruz azul e a da Restauração. Quando foi a revolução russa ele achou que o comunismo ia dar cabo da Europa. A implantação da república também o abalou muito e quando a minha mãe foi baptizada em Abril de 1910, os sinos da igreja tocaram pela última vez o Hino da Carta.

Os avós tiveram 9 filhos (uma Luizinha que morreu bebé). O mais velho Guilherme (Tatá) morreu com a pneumónica com 31 anos e estava noivo da Sara Afonso. Era pintor e todos nós temos lindas aquarelas feitas por ele.

O tio Kiko casou com a tia Daisy, inglesa, filha de um grande amigo do avô (Hugo Oackley) e como o noivo estava no Brasil, foi um casamento por procuração e quem serviu de noivo foi o sogro, o avô. À saída da igreja, alguém que passou, comentou "o velho

QUERIDOS PRIMOS

por Pedro Maria Vasconcelos Arruda d'Orey (Beco)(laranja)

Antes de tudo o mais, deixem-me dar-vos os parabéns pela excelente iniciativa que esse grupo teve em pôr de pé e dinamizar esta publicação da nossa querida família. É de facto uma excelente ideia e tem tudo para ser desenvolvida e tornar-se num veículo de comunicação entre todos os primos. Espero sinceramente que daqui para a frente seja sempre a crescer e que daqui por uns tempos esta publicação seja ainda maior e melhor. Naquilo que depender de mim, podem estar descansados que para ela contribuirei com histórias, fotografias, informações, etc...

Vamos então a apresentações. Eu sou o Pedro d'Orey (laranja) mas para alguns mais conhecido pelo "Beco". Pertencço ao ramo Laranja e sou filho do Luis Oakley d'Orey, mais conhecido pelo "Boby". Estou casado, vai para 17 anos e com a graça de Deus, com a Marta Costa Felix de Moraes d'Orey, de quem tenho dois filhos: o Lourenço (16 anos) e a Madalena (9 anos). Desde sempre vivemos em Lisboa (ambos) embora de facto eu me sinta de certa forma um filho de Santo Amaro de Oeiras onde vou e estou com frequência. Tenho um grande orgulho da minha família e de ser um "d'Orey" e o mais importante ainda é que somos conhecidos e relacionados sempre pelas melhores razões e aspectos, o que me envaidece muito. Gostaria então de dar por agora um pequeno e primeiro contributo para a Gazeta d'Orey com algumas pequenas histórias que se passaram comigo e/ou com alguns primos do Barracão.

"MAS QUE RAIOS DE MANEIRA DE SE TRATAREM"

Como decerto sabem, são poucos os primos d'Orey que não tenham um "petit nom" ou alcunha, e basta para tal verificar a forma como

deve ser muito rico para a menina tão linda e tão nova casar com ele". Tiveram 3 filhos, a Guida, neta mais velha nascida no Brasil, que ele foi visitar com a avó Mariana e a minha mãe, que tinha 9 anos, e por lá ficaram durante um ano. A minha mãe ficou sempre Titá para os sobrinhos, porque esta sobrinha mais velha, com menos 8 anos que a tia, assim lhe chamou. Anos depois cá em Portugal nasceram o Luís (Bobi) e o Hugo.

A tia Lula, campeã de ténis, casou com o primo direito, Nuno d'Orey e tiveram 4 filhos. A Tareca, a Luzinha, o Duarte e a Marichen. Tinham a sua casa no Barracão, mas a dada altura o tio Nuno achou que o ar do mar lhe fazia mal e comprou uma quinta em São Pedro de Sintra (hoje do D. Duarte de Bragança) onde passavam as férias. Acho que todos tiveram muita pena e recordaram sempre com saudade os anos que viveram no Barracão. Maria Francisca (Mana, Azul, Mémé e para mim era só Méma) casou com o seu primo Luís (Pi) Mouzinho de Albuquerque Gaivão, e, apesar de terem sempre conservado a sua casa no Barracão, também viveram em Cabo Verde, Moçambique e em Estombar. O tio Pi esteve na guerra de 14-18, e em consequência dela morreu muito novo, deixou 8 filhos tendo o mais novo 8 meses. Ficaram todos a viver com os avós.

A mais velha Mariana Eugénia (Godo), depois o João (Janota), o Luís (Pi), a Luísa (Gi), o Guilherme (Gui), o Pedro (Verde), o Manuel (Nhê) e o Zé Diogo (Cão), que foi o padre da nossa geração. O tio José Diogo (Joseph) casou com a sua prima Luísa da Câmara, e tiveram 4 filhos, Pilar, Guilherme (Galhê), Luísa (Gigica) e João Luís (Rato).

A tia Manon (Mariana de Jesus) casou com o primo João da Câmara, não tiveram filhos e foram o grande suporte de duas gerações de Gaivões.

A Conchinha (Maria da Conceição), foi o avô Luís que assim lhe chamou, pois dizia que a tinha encontrado na praia, casou com Fernando Manuel Rolin de Seabra Pereira e tiveram duas filhas, Maria do Carmo (Cazinha) e Maria Teresa (Tim-Tim).

a grande maioria dos primos se identificam e apresentam para logo percebermos que é esta a forma carinhosa como nos tratamos uns aos outros, pelo menos no que ao ramo Laranja diz respeito. Não sei qual a razão para que tal aconteça, mas o que é certo é que é assim, sempre foi assim e ainda hoje assim é. Julgo mesmo que esta forma de tratamento é "hereditária", está-nos no sangue, pois sempre tratei os meus primos pelo petit-nom e de alguma forma não concebo outra forma de o fazer. Eu falo por mim pois sinto necessidade de o fazer com os meus sobrinhos directos e filhos (tenho um Lô e uma Bomboca lá em casa), agora imagino o que se passará com os meus primos. E já agora e a propósito deste tema, lembrei-me de duas histórias muito engraçadas que me lembro de o meu pai contar e que ocorreram em alturas diferentes no tempo.

A Titá (Conchinha) levou um dia o tio Janota (4 anos) a Lisboa. A certa altura entrou numa loja para comprar uma coisa e tendo reparado que o sobrinho não estava com ela, voltou à rua e acabou por o encontrar. Já descansada com o reencontro, perguntou-lhe o que faria se se tivesse realmente perdido ao que ele respondeu prontamente que ia ter com um polícia, e ter-se-ia seguramente feito o seguinte diálogo:

- Como é que o menino se chama?
- Janota.
- E o seu pai?
- Pi.
- E a sua mãe?
- Azul.
- Aonde é que mora?
- No Barracão.

A Titá, achou que de certeza o polícia ia levá-lo a um acampamento de ciganos!



O pai trabalhou a vida toda na Orey Antunes (Cais do Sodré ou Alcântara). Durante o Verão íamos passar as férias para o Barracão e o pai vinha trabalhar usando o comboio, aliás como vários primos que utilizavam o mesmo meio de transporte. Certo dia houve uma greve de transportes e não havia comboios. A Tia Gú (mulher do Tio Janota) pediu boleia ao primo Bobby (ela trabalhava na Vista Alegre no Chiado). Combinaram então que a Tia Gú iria ter com ele ao fim do dia ao escritório da Orey Antunes (Cais do Sodré) às 17h30m. A querida da Tia Gú, pontual como sempre e com medo do primo Bobby ter um dos seus ataques de mau feitio (odiava ter de esperar pelas pessoas), lá chegou às 17h25m em ponto. Entrou nas instalações para dizer que já tinha chegado. Foi barrada pelo porteiro que lhe perguntou com quem queria falar. Realizou que não sabia o nome dele. Apenas Bobby! Nome impróprio para perguntar ao porteiro. Sentiu-se ficar de todas as cores de atropalhão. Não se lembrava mesmo do nome do pai. Perguntou então pelo Engº d'Orey. O coitado do porteiro olhou para ela e respondeu-lhe: "Pois muito bem minha senhora, mas qual deles, é que aqui temos vários". Ao fim de 5 minutos de se tentar lembrar e

já com o porteiro a achar que ela estava ali a empatá-lo e que queria era conversa, ela então disparado: "Olhe meu caro senhor, só sei que é o Engº Bobby d'Orey, é meu primo e não sei o nome dele. Não me leve a mal mas vai ter de arranjar maneira de o chamar de dizer que a Gú já está aqui em baixo á espera dele", desmanchando-se a rir. Preparava-se o porteiro para despachar a senhora dali pois só podia estar a brincar com ele, quando lá chega o pai, que já estava em pulgas pelo atraso da Tia Gú. Lá se entenderam e desculparam-se mutuamente e vieram o resto do caminho a rir á gargalhada devido aquela história rocambolesca. De facto, tal é o hábito de nos tratarmos pelos "petit-noms" que muitas vezes nem sabemos o nome próprio dos nossos primos. Aconteceu-me há bem pouco tempo. Quis falar com o primo Quinho! Tive sorte. Quem me atendeu o telefone era o primo Zé Roquette que me reconheceu. Fiquei nesse dia a saber que o nome dele é Henrique. Mais uma vez muitos parabéns pela vossa iniciativa, trabalho e coragem. Não esmoreçam. Beijinhos e abraços a todos do primo "Beco".
Pedro.dorey@db.com

ÁCERCA DO TIO LUIZ

por Guilherme de Albuquerque d'Orey (Guilas)(amarelo/verde)

O meu pai Vasco gostava muito dele e ele retribuía-lhe essa amizade, de tal forma que quando os filhos do tio Pi queriam algo do pai, iam pedir ao primo Vasco que conseguisse o que pretendiam e geralmente era atendido. Parece que o meu pai passou parte da sua juventude no Barracão e lembro-me de ele tratar a tia Mariana como "tia Amor". O meu avô Guilherme quando veio da Marinha Grande foi viver para o Barracão aonde ficou dez anos.

EM HONRA DE...

por Tim-Tim Junior (laranja)

Olá! Eu sou a Teresa Mª d'Orey Pereira de Sacadura Botte Mendes Ferreira, filha da Tim-Tim e do João Sacadura Botte (neta da Conchinha e bisneta do Luiz, da Quinta do Barracão). Não ganhei alcunha no baptismo mas fui e sou referenciada como "filha da Tim-tim"! É uma identificação imediata de quem sou e donde vim! Apenas uma pessoa me "alcunhou" "Tim-tim junior". Ainda hoje, quando me vê, o Tio Pedro Gaivão, "o Verde", rasga um sorriso num "Olá TimTim junior". É em honra da minha mãe, impulsionadora desta gazeta e do "Verde", irei adoptar este "pseudónimo" nesta escrita de família. Irá aparecer noutra Gazeta um artigo àcerca dos 100 anos do meu avô Fernando que não sendo um membro directo do clã d'Orey, era sem dúvida um sócio muito especial daquele clube de família, tendo sido sempre respeitado e querido por todos os que lá viveram ou passaram temporadas.

BAPTIZADO

de Maria Teresa Martins Loureiro (laranja)

No dia 2 de Abril foi Baptizada a Maria Teresa, filha de Filipe Maria Vilardebó Loureiro e de Teresa Isabel Martins Loureiro, pelo Reverendo Padre Pedro Quintela, na Capela de Nª Senhora da Conceição, em Arraiolos.



BAPTIZADO

de Maria Pilar Charters da Cunha (encarnado e castanho)

Baptizado Maria do Pilar Charters da Cunha (encarnado e castanho) Filha de Salvador da Cunha e de Mafalda Fernandes Cruz e Charters Celebrado pelo Padre Duarte da Cunha, no dia 1 de Outubro de 2005 na linda Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Colares, seguido de almoço em casa dos avós paternos no Banzão. Só família.



DEIXOU-NOS...

Mª Helena Cardoso d'Orey Vieira da Rocha (Bijou)(amarelo)

16/06/1911 - 02/12/2005

Era uma mana adorável que deixa umas saudades imensas. Não teve uma vida muito fácil, mas foi sempre muito bem disposta, alegre e simpática para com toda a gente. Era bondosa, linda vestia muito bem, mas era de uma simplicidade encantadora. Do Rodrigo Cardoso d'Orey ; rodorey@netcabo.pt

CASAMENTO

Realizou-se, a 30 de Abril, o Casamento da Catarina Loureiro José de Mello (Kiki) (laranja) com Manuel Trocado Costa Duarte. A linda cerimónia decorreu na Igreja de Santo António do Estoril, celebrada pelo Reverendo Padre Ricardo Neves. Seguiu-se a festa lindíssima em casa dos pais da noiva.



CASAMENTO

Realizou-se o Casamento do Pedro Silva Ruivo Quintella (azul) com Sofia Belchiorinho Luís, no passado dia 17 de Setembro, na Igreja do Convento de São Francisco em Alenquer, celebrado pelo primo, o Padre Pedro Quintella. Seguiu-se a boda na Quinta do Valle do Riacho, na Labrugeira,





FESTA DOS 80 ANOS DA ELVIRITA

Uma missa de acção de Graças na linda Igreja de S. Roque, celebrada pelo Padre Carreira das Neves. O Grupo Scherzo cantou maravilhosamente. Terminou com o Natal de Elvas a quatro vezes e letra feita especialmente para a Elvirita. Seguiu-se um jantar no Convento da Trindade. Indescritível!!! Uma festa muito alegre cheia de carinho como aliás se vê na fotografia em que a Elvirita está a receber um beijinho do sobrinho Miguel d'Orey. Não faltou um forte toque alentejano! As mesas tinham as armas do Redondo, Évora, Portel, Alqueva, Beja, Cuba, Amieira, etc.



BODAS DE OURO

por Ana Maria Reynolds de Souza Quintella (azul)

Manuel Maria Ana do Loreto Figueira Freire d'Orey Quintella (azul) e Teresa Eugénia Pimentel da Costa Lobo Cardoso. A avó Tareca e o avô Manuel fizeram as Bodas de Ouro no passado dia 31 de Outubro de 2005. A festa na Quinta do Carmo constou de uma Missa celebrada pelo Cónego João Seabra, pelo nosso prior, pelo Padre Condor e pelo tio Joaquim Pedro e cantada por um coro familiar dos primos da Quinta da Conceição e nós. Seguiu-se um lauto almoço na antiga adega da Quinta, toda enfeitada e bem arranjadinha. Depois nós, os netos, cantámos um fado brincalhão sobre a vida dos avós. O avô fez um discurso em que agradecia a todos e a todos desejou felicidades, tal como daqui desejo a todos os primos d'Oreys.



FESTA DOS 80 ANOS DA BOBICHA

M^a Eugénia d'Orey José M. M. da Cunha Mello)(encarnado)

No dia 18 de Setembro a festa começou com uma Missa ao meio dia na Basílica de Sta. Quitéria de Meca, muito participada pelos filhos e netos. Seguiu-se um almoço na Quinta D. Carlos, propriedade que está na família há 500 anos. Ao almoço foram os filhos netos, irmãos, afilhados e meia dúzia de amigas de sempre. Esta festa foi organizada pelos filhos e foi surpresa para ela que gostou imenso e recordou velhos tempos ali passados com os avós.

Kika (M^a Margarida d'Orey Velasco da Cunha)(castanho e encarnado)



A MÃE FEZ ANOS!

por Carlos Lopes de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

A mãe fez anos.

Oitenta. Quatrevingt. Só os franceses conseguem dizer este número de maneira tão bonita. Sobretudo quando nos referimos a anos vividos. Quatrevingt, quatro vintes, quatro etapas de vinte anos. Se pensarmos a vida por etapas, quiçá nos parecem os anos menos pesados do que a carga dos oitenta toda de uma assentada. E foi assim que a mãe tem vivido a sua vida, por etapas. A primeira em Portel, aquela bela vila, naquela bela casa, como belos eram os Pais que a trouxeram à vida, que a beleza é sinónimo de perfeição. Ali nasceu e cresceu, podendo disfrutar de tudo o que de belo a vida pode oferecer, junto com um igualmente belo irmão. E assim terminou a primeira vintena como uma bela rapariga, e ainda nela, conheceu um não menos belo rapaz de Lisboa. A segunda etapa foi assim tão bela como a primeira. Começou logo pelo casamento. Cedo vieram os sete belos filhos, e nem por isso a sua beleza se sentiu.

Não menos bela foi a terceira. Viu casarem-se os filhos mais velhos, apareceram os primeiros netos. Foi ainda antes destes vinte anos completos, que experimentou a dor de uma perda, a da sua Mãe. Mas continuou a viver com a mesma força, que o amor que ia recebendo, era dado por mais alguns, e o que dava, tinha que o distribuir por esses também.

E assim entrou na quarta etapa da sua vida. Casam-se os filhos que faltavam, mais netos nasceram, vinte e quatro até agora, e começaram a aparecer os bisnetos. Perdeu mais duas pessoas que amava: o Pai, que tinha já ultrapassado a sua própria quarta etapa, e o Marido, que partiu no limiar desta. Mas a lembrança permaneceu, que essa não se desvanece durante toda a caminhada. O tempo é lenitivo apenas para as recordações materiais, não apaga as espirituais. Estas ajudam sim a prosseguir, repartindo por outros o Amor que àqueles já não se pode dar.

E assim concluiu la dernière vingtième d'années, mantendo a beleza das primeiras, que a beleza não se apaga, apenas se acomoda aos anos.

Foi assim les quatrevingts que agora festejou.

No seu percurso, nunca lhe faltaram os amigos, que "a amizade é a única coisa, sem a qual nenhum Homem se pode dar ao luxo de viver" Aristóteles.

E o afecto destes foi agora demonstrado nesta festa, retrato da vida intensa que viveu, do Amor que deu e recebeu.

Retrato também da vida que decerto continuará a viver, nesta quinta etapa, que agora começou. Não sabemos se terá a duração das outras, que a Natureza não altera a ordem que Deus determinou, mas será decerto tão intensa como as outras, e a longevidade já provada em outros membros da família, fará com que o grupo de bridge a tenha ainda como parceira durante muitos anos, ainda por muitos Natais nos juntaremos todos lá em casa.

E a beleza permanecerá.

Parabéns Mãe.

ILUMINAÇÃO DE VITRINES, QUADROS, ETC. de Vasco Maria Garcez d'Orey (verde)

Faça você mesmo a montagem desta instalação eléctrica! Informações e tudo mais que precisar através do email vascodorey@hotmail.com ou telemóvel 91 950 7001

